20011-5T

18·388 v

LUTHERO

O

P. JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO,

E A

GAZETA UNIVERSAL;

OU

CARTA DE HUM CIDADAÕ DE LISBOA

ESCRITA AO GERAL

DA

CONGREGAÇAÕ DE S. BERNARDO.

LISBOA:

NA TYPOGR. DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO.

1822.

ADVERTENCIA DO EDITOR.

Esta carta achou-se entre os papeis de hum Clerigo, que morreo ha poucos dias em hum casal junto á villa de Alcobaça. Não se sabe (e pouco importa saber) como lhe fosse ter á mão, sendo dirigida ao Padre Geral dos Bernardos; mas o certo é, que eu vindo das Caldas tive occasião de a ver; e podendo obtella, pareceo-me que a devia publicar para socego de alguns, a quem a *Gazeta Universal* possa ter causado o effeito, que buscava o Autor do *Artigo communicado* em o N.º 94.

Sei agora, que o Redactor da *Universal* está preso por causa deste *Artigo*, e ainda que eu considero, que nenhum mal lhe succederá, porque, segundo me dizem, elle pertende justificar o escrito, minha intenção, quando elle muito culpado fosse, não seria certamente a de aggravar os seus males. Elle escreve para desenganar a nação, e eu mando imprimir para o mesmo fim. Por tanto não fallemos mais nisso.

O Editor da Carta ao Padre Geral.

RPJCB

Meu Amigo e Sr.

Desejando muito satisfazer a sua curiosidade, aproveitei esta occasião, em que tenho mais vagar, para lhe dizer qual é o meu juizo a respeito da *Gazeta Universal*, seu Redactor, e *Colaboradores*, e depois fallarei sobre o *Artigo communicado*, que vem no principio do N.º 94, o qual V. S.ª me diz tem feito por ahi alguma bulha.

O Redactor da *Gazeta Universal*, que se diz ser o mesmo da defunta *Gazeta de Lisboa*, foi, durante o antigo regimen, valoroso defensor dos Governadores do Rocio, pelo bem que nos governavão. Como homem de caracter conserva ainda hoje os mesmos sentimentos, e parece acreditar, que não póde haver sociedade politica bem organisada, sem ter por base o poder absoluto misturado com o despotico, ao menos em partes iguaes. Seus malfadados escriptos não conseguírão com effeito evitar a queda do antigo Governo, bem que o nosso Redactor muito se esmerasse em o elogiar nas suas judiciosas reflexões politicas; mas escrevendo agora, elle assentou que tambem não podia empregar melhor seu tempo, de que desacreditando as cousas actuaes, e as pessoas, que as dirigem e sustentão. Minar pelo alicerce o edificio da Liberdade, que se vai alevantando, pareceo-lhe obra digna dos seus disvellos; porque elle não perdeo a esperança de tornar a ver ainda os Portuguezes restituidos á situação, de que os tirárão 24 de Agosto, e 15 de Setembro.

Deste Redactor é amigo intimo o Padre José Agostinho de Macedo, a quem pertencem muitas das columnas da *Gazeta Universal*, porque ella é a Chancellaria Mór, aonde vão registar-se todos os escriptos, que tem por fim deitar por terra as Cortes, e o Governo. Se qualquer obra desta natureza se imprime em outra parte, alli vai dar entrada, e logo se annuncia e recommenda como digna da leitura dos homens piedosos, e amigos da ordem; por-

que todos aquelles, que a não lerem, ou a censurarem; já se sabe que são Pedreiros Livres.

O Padre Macedo é hum Litterato Portuguez; escreve com facilidade, mas sempre com espirito prevenido. A sua penna é poucas vezes elegante, e nunca sem se molhar no fel da satyra. E' hum daquelles viventes, que não póde existir senão á custa da destruição dos outros. Para elle ganhar credito é de necessidade, que alguem o perca, porque não funda a sua gloria senão sobre a deshonra alheia. Como esse foi sempre o fim principal dos seus cuidados, maneja com grande destreza a arma do ridiculo; mas como não escreve para melhoramento dos costumes, e só para saciar o odio e rancor, que concebe contra os individuos, a satyra na sua boca não é a producção do homem de genio, que a Natureza dotára deste talento particular para castigar o vicio, e fazer amar a virtude. O Padre José Agostinho por isso poucas vezes deixa de parecer antes huma regateira descompondo a visinha, do que hum homem illustrado, censurando a moral publica, e os erros do tempo.

Nem a educação, nem os estudos, nem o modo de vida do Padre *Macedo*, podião fazello inimigo da nova ordem das cousas; porém o facto é, que elle não só se mostra tal, mas procura figurar á testa do partido contrario á Liberdade. Ouvi dizer que receoso de algum desgosto se retirára a certa distancia não longe da Capital; e que hum seu apaixonado comparára este retiro ao do Apostolo S. João para a Ilha de *Patmos*; affirmando, que brevemente teremos segundo *Apocalypse* escripto pelo novo inspirado.

Eu não acredito nada disso; mas se tal é, não posso deixar de dizer, que o Padre *Macedo* se parece em almas cousas com o famoso *Luthero*, retirado tambem por semelhante motivo, e comparado como elle ao Apostolo S. João. Eis-aqui porque eu o digo.

O Padre *Macedo* foi Frade Agostinho como *Luthero*, e como elle Apostata. Affirma-se (não sei se he verdade) que por não o convidarem para prégar o sermão da reunião das Cortes, se declarou inimigo dellas, e do Governo, como *Luthero* se diz (não sei se tambem com

verdade) ter-se declarado inimigo da Corte de Roma por não ser escolhido para Prégador da Bulla das indulgencias, que o Papa mandava publicar na *Alemanha*.

Principiando a escrever com alguma moderação, *Luthero* foi-se adiantando, e mostrando mais atrevido, logo que teve o apoio e protecção do Eleitor de *Saxonia*; o nosso Reverendo depois da protecção de certa *Personagem*, não pôde mais ser governado nem pelas redeas, nem pelos cabeções. Cresceo o desaforo com os *amens* que lhe davão.

A Imprensa, descuberta no tempo de *Luthero*, foi huma arma poderosa, de que elle se servio muito vantajosamente contra a Religião: a Imprensa, declarada livre no tempo do Padre *Macedo*, é huma arma que por mais de huma vez elle tem descarregado para cortar pela raiz a arvore da Liberdade, tão necessaria para felicidade temporal da Nação Portugueza, como a arvore da Religião o é para a sua felicidade eterna.

O Padre *Macedo* ataca em seus escriptos o Governo, as Cortes, e o Systema Liberal, e ao mesmo tempo protesta o maior respeito pelo systema, pelas Cortes, e pelo Governo. *Luthero* fazia outro tanto; porque fallando sempre a linguagem de hum faccioso, e preverso heresiarca, que só tinha por fim derribar a Religião Catholica, nunca se descuidava de protestar ao mesmo tempo sua obediencia, e respeito á Santa Sé.

Luthero passava por hum ex-Frade arrogante, que mostrava o mais decidido desprezo pelos homens, que não pensavão como elle: seus escriptos erão cheios das injurias mais grosseiras contra seus inimigos, e a mais baixa chocarrice apparecia muitas vezes misturada nos seus mais serios discursos. Lêão-se os do Padre *José Agostinho*, e ver-se-ha, que elle não faz regularmente senão isto mesmo: com a differença de que *Luthero* apenas se defendia dos ataques que lhe dirigião, e o nosso Padre não espera sempre por isso; ataca ordinariamente todo o homem, que escreve, só porque escreve: seu orgulho *scientifico* não lhe consente ouvir socegado elogiar hum escripto, que não seja seu.

Outro successo bem notavel faz muito semelhante a

situação do Padre *Macedo* á de *Luthero*; porque este foi citado por seus escriptos facciosos perante a Dieta de *Ausbourg*, aonde hum Legado do Papa (o Cardeal *Caetano*) homem famoso por seus conhecimentos escholasticos, se achava nomeado para o accusar e convencer; e o nosso Padre foi tambem citado pelo mesmo motivo para responder perante o Juizo dos Jurados de Lisboa, aonde o Promotor da Liberdade da Imprensa (grande escholastico forense) é obrigado por seu officio a accusallo. Entretanto eu creio, que elle ha de sahir dos Jurados, como *Luthero* sahio da Dieta, isto é, tendo confundido o seu accusador; porque nós estamos tão bem servidos de Promotor da Liberdade de Imprensa, como o Papa o estava de Legado.

Se a quanto tenho dito se ajuntar, que o Padre *Macedo* parece hoje o cabeça dos *protestantes politicos*, como *Luthero* o foi dos protestantes religiosos, não se poderá negar que haja muita semelhança entre hum e outro. — E se fosse possivel (como de certo não é) admittir, que o nosso Padre *Macedo* se achasse casado com huma Freira, então quasi, quasi que se podia dizer, que em muita cousa se pareceria elle com *Luthero*, porque *Luthero* tambem depois de Frade casou com huma Freira. Chamava-se por sinal *Catharina de Bore*.

Aqui tem, meu Amigo, o juizo que eu posso formar a respeito do Redactor da *Gazeta Universal*, e do seu socio e amigo o muito Reverendo *José Agostinho de Macedo*. — E ainda que comparei este a *Luthero* em muitas cousas, pede a justiça que eu declare não ter com elle semelhança alguma em muitas outras. Prescindindo das mais, por não fazer muito longa esta carta, direi sómente, que *Luthero* foi hum homem de profundos conhecimentos na sua profissão, muito dado aos estudos do *Orientalismo*, e das linguas mortas; e era já Lente de huma Universidade, e muito bem reputado no tempo em que sua desgraça o conduzio a declarar-se contra a Igreja. Errou, é verdade, e errou em materia tão substancial; fez males grandes á Religião, e só Deos sabe porque permittio, que ella soffresse tão pesado golpe; mas considerando o homem sómente, elle não deixou de merecer na

república das letras hum nome, que o Padre *José Agostinho* nunca ha de ter.

Por outra parte a reforma de *Luthero* deo certamente occasião a se espalharem com tanta rapidez na Europa as luzes mais apuradas: seus erros obrigárão os Catholicos Romanos a adquirir conhecimentos que não tinhão para o combater, porque elle era hum inimigo temivel. Empregando huma dialetica vigorosa, e applicando aos textos da Escriptura Santa a mais severa e rigorosa *Exegetica*, os defensores da Religião não podérão combatello, senão adoptando a mesma tatica, e usando das mesmas armas. Foi preciso saber, porque se combatia com hum sabio. Desde então o imperio das letras estendeo suas conquistas. As linguas antigas e modernas, a Historia, a Filosophia, as Sciencias moraes e politicas, as Sciencias mathematicas e fisicas, as bellas letras, e as bellas artes recebêrão hum novo impulso, e principiárão a fazer os mais agigantados e vantajosos progressos.

Mas do Padre *José Agostinho de Macedo* o que nos restará depois da sua morte? O que nós já temos em sua vida; isto he, muito poucos escriptos em prosa, que valhão a pena de se lêrem; e alguns versos, bons em verdade; mas Poemas que acabárão com o dia que os vio nascer: outros em que a mais baixa e mais infame das satyras enxovalhou a honra e a reputação de pessoas, aliàs benemeritas. — Não é hum *Diniz*, hum *Garção*, hum *Tolentino* que debaixo de agradaveis e decentes alegorias censurárão os vicios do seu tempo, e nos deixárão em versos, que a Natureza rimára, preciosos documentos para a Historia dos costumes, e dos usos da Nação; parece antes hum *Pedro Aretin* desbocado, que sem respeito por sexo, por idade, por condição, ou por emprego, não perdoa á donzella, á casada, ao homem de letras, ao Militar, ao Clerigo, ao Fidalgo, e em huma palavra, a ninguem; porque ninguem escapou á sua mordacidade.

Munido de hum salvo conducto, que lhe alcançára o famigerado *impostor* de quem era publico protegido, a Imprensa, sujeita nesse tempo á mais rigorosa escravidão, só folgava solta, quando o Padre *Macedo* queria descompor alguem: com tudo como era preciso respeitar

a opinião publica, porque a opinião publica é, e sempre será mais poderosa do que os protectores, espalhavão-se em manuscritos as mais asquerosas turpidades; e toda esta Corte, e o Reino todo sabia que o façanhoso Padre as dava a copiar aos seus amigos com todo o desavergonhamento, pavoneando-se de que o conhecessem por autor de tão odiosas producções.

O Padre *Macedo* com talentos, e conhecimentos podia na verdade fazer grandes serviços *ao publico*, escrevendo correcta e decentemente; com tudo não succede assim, porque ambicioso de escrever muito, não cogita de escrever bem. Diz-se, que elle tem muito feliz memoria, e que por isso pensa pouco, e copia muito; entretanto que poucas vezes deixa de estropear os factos, ou doutrinas que refere, ou nos quer dar como suas. A linguagem não é pura, nem castigada, e o estilo acha-se bem longe do sublime.

Não obstante isso o Padre tem adquirido huma necessaria celebridade: e ha homens, que em consequencia fazem estudo de o imitar. A elle pois devemos, e a elle só, esta praga de infestos escrevedores, com que a Divindade permitte que sejamos diariamente perseguidos. — Cada hum quer ser hum Padre *Macedo*, e por isso cada hum procura requintar na mais desenfreada maledicencia. — Como se sabe que elle é o esteio da *Gazeta Universal*, e que o fim principal deste escripto é a destruição do Systema Constitucional, os que tem a mesma mania (que já não são poucos, nem para desprezar) alli vão apresentar os seus trabalhos literarios; e bem se vê, que quando não merecem o premio, ou o *accessit*, gozão pelo menos da honra da impressão.

Em consequencia disso calumnias, injurias, termos os mais insolentes, alegorias as mais insidiosas, expressões empregadas de proposito para fazer odiosa a causa da Regeneração, e semear a desunião entre os Cidadãos; em huma palavra tudo o que parece mais proprio para mostrar hum odio, e rancor ás instituições liberaes, e áquelles, que as professão e defendem, tudo alli tem lugar.

Não se encontra, é verdade, em tanto papel escrito

huma só destas producções, que mostrem conhecimentos apurados nas materias importantissimas, que devem occupar hoje o cuidado dos bons Portuguezes. — Deixa-se, e muito de proposito de illustrar a Nação sobre as medidas que convém adoptar para melhorar sua fazenda, commercio ou agricultura: e não se lhe falla senão no risco de perder a Religião por causa dos Pedreiros Livres, apelidando com este nome os liberaes; isto é, os homens que amão a sua Religião, a sua patria, e o seu Rei; que respeitão o imperio da Lei, e que sómente querem a justa liberdade, que ella lhes permitte.

Escusado é dizer a estes Snrs. *Universaes*, que é necessario ouvir as razões pelas quaes a Nação se determinou a regenerar-se; que devem examinar-se os factos, que referem como prova, e que antes de tudo isso é preciso despir as paixões, e pôr de parte toda a prevenção, para poder discorrer com acerto. — A resposta é sabida — nada; não queremos ouvir: Pedreiros Livres, destruidores do throno, e do altar, &c., &c.....

Escusado é dizer..... mas não anticipemos as materias: fique por ora em paz o Padre, o seu Acolito, e Discipulos, e tratemos do N.° 94 da *Gazeta Universal*, que já não vem cedo a juizo.

Este n.° principia por hum *Artigo communicado*, cujo Autor, seguindo o plano geral dos *Universaes*, que é como já disse e se sabe, fazer odiosa a causa da Regeneração, e deitar por terra o systema della, adopta com tudo no principio outro methodo de ataque, por que intenta aterrar o povo pintando-lhe dentro, e fóra do Reino as cousas em estado de subversão total, e muito proxima. Como os factos se achão em contraposição a este pretendido estado de cousas, porque a verdade pura, e simples é, que não temos a recear nem dentro, nem fóra do Reino cousa, que ameace tal ruina, o Autor do artigo vio-se obrigado a fingir, e a dar por certo o que não existe; a mentir descaradamente, a contradizer-se, e a cahir nos erros mais crassos da historia do tempo.

Mais que muito porém é para admirar a serie de profundas reflexões, de que elle arranca as suas profecias politicas!! Este Senhor pensava que é o mesmo escre-

ver, que prégar; por que então todos ouvem e callaõ. — Enganou-se; a liberdade de imprensa para estes casos é que serve. — Desmascarar os hypocritas, fazer conhecer os impostores, e *pôr a calva á mostra* a estes pataratas, que querem campar de grandes Estadistas, é hum serviço feito á Religião, e á Nação, porque o fim delles é atacar huma e outra. — Para mais facilmente o publico se desenganar, e para que elle saiba conhecer até que ponto pertendião illudillo, farei hum

Elencho dos erros, paradoxos, e absurdos, que contém o artigo communicado ao Redactor da Gazeta Universal N.º 94.

O Autor do artigo dividio a materia em duas partes: 1.ª *Relações exteriores*, ou estado em que elle nos considera com as outras Nações. 2.ª *Relações interiores*: ou estado em que considera a Nação dentro do Reino-Unido. Tira no fim a conclusão das suas reflexões, e dá o negocio por acabado. — Eu seguirei o plano do Autor, por que só assim poderei conservar a ordem no meu *Elencho*

1.º *Artigo.* — *Relações exteriores.*

Principia o nosso Autor este artigo, dizendo, que todo o povo póde escolher o governo *á vontade*, sem que outro povo nisso se possa intromettet, mas accrescenta logo *admittindo-se sómente a excepção, quando o Governo adoptado seja destruidor do Governo dos outros povos, e incompativel com a sua segurança.* — Esta excepção é huma descoberta nova, de cuja invenção não creio, que alguem queira roubar a gloria ao Autor. Até agora nós conheciamos governos aristocraticos, democraticos, monarquicos, monarquicos absolutos, dispoticos, monarquicos mistos, &c. De todos temos exemplo ainda hoje na Europa, e fóra d'ella. Por isso que o temos é de fé, que existem. — Por isso que existem é de fé, que podem existir sem se destruirem huns aos outros, e sem a sua existencia ser incompativel com a segurança dos outros governos. Logo a excepção, imaginada pelo Autor do artigo, é falsa, porque se funda n'hum facto que nunca

houve, ou pelo menos que não existe actualmente, nem delle trata, ou se lembra Publicista algum.

Além de que todos sabem, que póde haver hum chefe de governo, que conceba o projecto de Monarquia universal, ou de grande augmento de seus estados á custa dos alheios, que assente ser necessario para a sua existencia opprimir outra Nação, ou appôr-se aos seus projectos, ou mudanças politicas; mas isso não nasce da forma do Governo, nasce da ambição, ou da politica do que governa; nasce da força e poder com que elle se considera para se fazer o arbitro do destino dos outros: mas a força não é direito, e muito menos na these proposta pelo Autor. Por tanto tenha elle paciencia, porque não ha remedio senão considerar a sua excepção como hum erro, e hum paradoxo de tal ordem, que merece bem dar principio ao meu *Elencho*.

A Russia, Austria, e Prussia mostrão-se oppostas á Constituição já formada (em Hespanha) e a que se vai forjar pelo mesmo molde tachando-a de anarquica, e facciosa. Estas palavras são escriptas para mostrar ao povo Portuguez, qual é o juizo que as referidas tres Nações formão da Constituição, que as Cortes estão fazendo; mas estas palavras afirmão positivamente hum facto, que não existe, e que o Autor do artigo dá por certo só para que a Nação considere as suas Cortes, como hum ajuntamento de anarquistas, e facciosos.

O fim pois destas palavras é venenoso, *subversivo*, e incendiario. O facto, como disse, é falso, pelo menos quanto a Portugal; porque as Potencias alliadas não podem taxar de anarchica a nossa Constituição quando ella ainda não está feita, e quando se vai fazendo, e achando-se os tres poderes politicos em pleno e livre exercicio de sua authoridade. Por tanto Constituição anarquica em taes termos é hum contraditorio, porque anarquia suppõe, que ninguem tem bastante poder para fazer respeitar as leis, e que o povo se conduz como quer, sem subordinação, e sem Policia, e diga-nos o Autor do artigo, se nós nos achassemos nesse estado; ou se era possivel, que, achando-nos nelle, podessemos fazer huma Constituição com a paz e socego com que a vamos fazendo?

Tambem é impossivel ser a Constituição Portugueza taxada de *facciosa*, huma vez que ella se faz pelas Cortes, em que ha os Representantes de toda a Nação, vindo em consequencia huma idéa a ser contradictoria da outra; porque *facção* neste caso suppõe huma mui limitada parte da Nação obrando sem consentimento da outra; mas para admittir isto, é necessario admittir, ou que as Cortes não forão legitimamente convocadas, ou que ellas não são livres em suas deliberações: e o Autor do artigo ha de achar de certo grande difficuldade em provar qualquer destas duas cousas.

Nem venha elle dizer-nos, que só refere o que dizem as Potencias alliadas; por quanto 1.° é falso, que ellas o digão, e eu mostrarei mais claramente, que o Autor do artigo poz este dito na boca das Potencias para melhor poder aterrar o povo. — 2.° Quando fosse verdade que ellas assim o dizião, não lhe era permittido referillo senão para o contradizer, ou impugnar, e nunca para lhe dar prazme, e o authorizar, produzindo como verdadeira a sua doutrina para provar o seu fim, que é pôr a Nação em susto, as Cortes em descredito, e a legitimidade da Regeneração em duvida.

Aquellas Potencias tem organisado exercitos, e armamentos formidaveis, mostrando em seu aspecto militar e intima alliança, tenções de conquistar o mundo e dividillo entre si, &c. — Se o projecto das tres Potencias é conquistar o mundo, e ellas tem forças para o fazer, nós não poderemos certamente evitar o destino, que nos preparão. Passaremos por tanto por onde passarem as outras Nações, que ainda não são poucas. Neste caso o mal de todos serve de consolação; e a impossibilidade de o evitar de desculpa, se não nos assustar-nos em quanto elle não chega.

Os Enviados representantes dos dous Reinos das ditas Nações, ou não são acceitos, ou não tem influencia alguma no ministerio, &c. A primeira proposição é falsa, quanto á Hespanha, por que a sua mudança foi logo reconhecida, e acceitos seus Ministros; e eis-aqui a verdade quanto a Portugal. — Nenhuma Nação recusou ainda acceitar os nossos Encarregados: em duas ou tres apenas

se mostrou que querião continuassem os que lá se achavão: porém isto não é não *acceitar os Enviados*, é não acceitar *certos Enviados*; e daqui nada se segue: porque todos sabem, que estes acontecimentos são treviaes, e filhos das intrigas dos Diplomaticos, que querem conservar-se nas Cortes, aonde se achão, embaraçando aos outros o serem recebidos. — A questão por tanto é de pessoas, e não de Governo, ou de Nação. Mas quando fosse de Governo com Governo, seguia-se d'ahi já por ventura, que estavamos perdidos, que nos achavamos em guerra declarada com essas Nações?

A historia da Diplomacia abunda em factos desta natureza, que nada tem influido sobre as mudanças politicas dos Estados. Tarde, e muito tarde forão recebidos os Enviados da America-Unida, quando se separou da Inglaterra; os dos Paizes-baixos revoltados contra a Hespanha; os da Républica Franceza, e o Autor do artigo bem ha de lembrar-se tambem de que no tempo da acclamação do Senhor D. João IV. os nossos Ministros achavão difficuldade em serem recebidos em algumas partes, e o não forão de facto pela opposição, que nos fazia a Corte de Madrid. — Em Roma até o nosso Embaixador brigou com o dos Castelhanos: e apesar disso não nos vimos nós livres do seu jugo? Não ficou a Casa de Bragança firme no throno?

A segunda proposição dos nossos Encarregados não *influirem nos Ministerios* das Nações para onde são mandados, é hum paradoxo, que nem merece resposta, mas vá sempre para o meu *Elencho*, porque dá ao emprego de Embaixador huma attribuição de mais, e que o direito das gentes desconhece. O Autor do artigo é fertil em descubertas novas em o systema politico.

Depois da pintura que o Autor do artigo nos faz da opposição das idéas do Governo de Hespanha, e Portugal aos das outras Potencias, dos armamentos, e intima alliança dellas, conclue — *é quasi infalivel o rompimento hostil* — (bem entendido contra Portugal), e dá fim ás suas conjecturas deste modo, *ou porque tencionão declarar aos póvos que a guerra não é com elles, mas com huma facção anarquica, e rebelde, como se fez em Napoles*, &c.

Já se vê pois, que o Autor do Artigo faz mudar o *aspecto do armamento militar* das tres Potencias, que se achavão alliadas para a *conquista do mundo* na *declaração de guerra a huma facção anarchica, e rebelde*!!! Mas aonde se achará esta facção? ¿Quaes são as classes de familias ou pessoas, que a compõe? Aonde se acha a força de que ella dispõe? Em que consiste essa força, pois que ella é tão respeitavel, que precisa de ser debellada por exercitos, que se apresentão com *aspecto de conquistar o mundo*?

Aqui tem, meu Amigo, os absurdos, e os erros que escreve hum homem apaixonado, e prevenido; hum homem vendido a hum partido, e que quer sustentallo a torto e a direito; sacrificando até o proprio senso commum; porque eu não considero o Autor do artigo hum estolido; mas hum preverso, que tem por plano suscitar a desunião entre os Cidadãos, e levallos até ao ponto delles perderem a confiança, que devem ter no Governo, e nas Cortes, aterrando-os, e pondo-os em estado de huma convulsão; porque chegado o povo a essa crise, facilmente se consegue conduzillo para hum fim premeditado.

E' por isso, que o Autor do artigo dá por certa a existencia entre nós da *facção anarchica, e rebelde*; porque baptisa com este nome a união das pessoas, que tem trabalhado e trabalhão na obra da Regeneração politica da Nação. E a não ser assim, responda elle ao que vou dizer.

O Autor affirma, que em Portugal ha huma *facção anarchica, e rebelde*: logo ella ha de ser necessariamente composta, ou de pessoas que trabalhão em sustentar o actual systema, ou daquellas que trabalhão em restituir o antigo. — Ora não é destas, que elle falla, quando dá por certa a vinda das potencias a pôrem as cousas no *statu quo*; isto é, no systema antigo; logo é das outras, isto é, das que trabalhão em sustentar o *estado presente*; e o systema actual. Mas as que trabalhão em sustentar o *estado presente*, e o systema actual são as Cortes, legislando; e El-Rei e o Governo, executando. Logo o Autor do artigo affirma, que as Cortes, El-Rei, e o Go-

verno formão em Portugal huma *facção anarchica, e rebelde.* Se as permissas são verdadeiras, a conclusão não póde deixar de o ser tambem.

O Autor do artigo passa depois a espraiar-se em discursos politicos, querendo mostrar por elles, que os grandes armamentos das tres Potencias não tem o fim, que apparece; porque *não é admissivel que a Russia queira conquistar a Turquia*, nem quando o fosse *serião necessarias tão grandes forças.* De sorte, que na sublime intelligencia do Autor não é admissivel a existencia de planos, que tem feito objecto de tão longos trabalhos diplomaticos: planos de que estão cheios os papeis publicos, que por tal modo vem a ser todos mentirosos. — Por outra parte assenta elle, que menos forças bastão para a *conquista total da Turquia.* E' verdade, que o Imperador José II perdeo na *Turquia* o melhor exercito, que elle chegou a reunir; mas nisso não importa nada; porque para a *conquista total da Turquia não são necessarias tão grandes forças.* Vá esta mais para o meu *Elencho.*

Conclue o Autor do artigo na fórma seguinte. *Por tanto o armamento das grandes Potencias terá por alvo.... a execução de planos contra inimigos; que reputão commum, o qual na frase dos Governos não é o imperio Turco, mas o actual systema dos Reinos Peninsulares, que proclamão* anarchico, rebelde, e faccioso, *e huma continuação do revolucionario da França.*

Esta conclusão apresenta com effeito huma próva das grandes combinações militares, que o Autor do artigo tem feito; e não póde deixar de ser ao mesmo tempo fructo de seus vastos conhecimentos na politica dos Gabinetes. Vamos por partes.

Elle suppõe as tres Potencias tão fortes, e os seus exercitos tão numerosos, que parecem *querer conquistar o mundo.* Suppõe, que a França *entra neste plano*, e que para esse fim *está recrutando*; e suppõe finalmente em consequencia de tudo, que ellas tem *por alvo alguma empreza de grande monta.* Ora qual será esta empreza de grande monta? Combater o *inimigo commum*, diz o Auto. E qual será este inimigo commum? O systema dos Reinos Peninsulares, responde elle.

O mundo está por tanto abalado, e postas em pé forças, que o podem conquistar só para combater *hum systema* existente em dous Reinos, que o Autor affirma se conservão *quasi inermes, e com huma força militar apenas sufficiente para o serviço interno*: accrescendo, que ainda nestes Reinos a Nação não tomará parte na defeza; porque as Potencias tencionão *declarar aos povos que a guerra não é com elles, mas com huma facção anarchica, e rebelde.* Logo em ultimo resultado temos, que todo esse poder que abysma o mundo vem combater *huma facção*, que não póde dispôr nem de força armada do paiz, porque a não tem, nem da Nação em massa, porque ella ficará fóra da luta! E que tal! Não e bem galante dizer o Autor humas vezes que esta força vem combater hum *systema*, e outras huma *facção*? Não ha remedio; vá para o *Elencho.*

Muitas reflexões com effeito se podião produzir independentemente dos argumentos, que acabo de fazer para mostrar, que não póde ser da politica das referidas grandes Nações hum tal projecto; mas direi só aquellas que parecem mais obvias, fundando-me sempre no que affirma o Autor.

Diz elle, que a guerra vai ser feita ao *systema* dos dous Reinos; isto é ao Systema Constitucional. — Mas este systema é o mesmo, que estas mesmas Potencias derrubárão á França, quando derrubárão o throno de Buonaparte; e em consequencia devemos dizer, que as tres Potencias se reunirão em 1814, para se estabelecer na França o Systema Constitucional, e que vão reunir-se em 1822 para o deitar abaixo, aonde se acha organisado já.

Devemos dizer mais, que achando-se na Inglaterra, na Suecia, nos Paizes Baixos, na Polonia, na Baviera, no Wutemberg, em Bade, estabelecido o Systema Constitucional, as grandes Potencias o soffrem ao pé da porta, e o consentem, persuadidas mui naturalmente de que dahi não lhes vem mal algum; e entretanto assentão, que devem vir destruir este mesmo systema a tanta distancia, e com tantos incommodos, e difficuldades para vencer.

E' certo, que a estas Potencias nada foi mais sensi-

vel do que o methodo, porque na Peninsula se tem procedido ás reformas, empregando para esse fim a força armada, e talvez se diga, que nisto consiste a differença do nosso systema ao dos outros; mas eu tenho ainda que responder, e é, que lá se acha mais perto a *Grecia*, que proclamou como nós, isto é, com força armada a sua independencia, e entretanto as tres Potencias não entendem com ella: para que havemos suppôr em consequencia, que hão de vir entender com nosco? Sujará o cordeiro bebendo no fim da corrente a agoa, que o lobo quer beber na nascente della?

" Por outra parte, diz Mr. *De Pradt*, a Hespanha
„ tem a seu favor cousas, que inspirão algum respeito. —
„ A distancia, a extensão, o mar, os Pyreneos, a lem-
„ brança do que passou na invasão Franceza, tudo mos-
„ tra, que ella não ha de hir *assim ás mãos lavadas*. Na-
„ poles não serve de argumento, porque se considerava
„ sem algum destes baluartes, e era verdadeiramente hu-
„ ma praça desmantelada. „

Este Mr. *De Pradt*, que certamente não será para os constantes Leitores da *Gazeta Universal* hum politico tão profundo como o Autor do artigo, mas que sem duvida não é tambem tão prevenido, e apaixonado como elle, escrevendo já neste anno de 1822 sobre o espirito pacifico da Europa no anno passado de 1821, estabelece em resultado de suas conjecturas a seguinte proposição. — Que fóra da guerra da Turquia (estrangeira absolutamente á Europa) esta continuará sem duvida nos annos seguintes a *viver em paz*.

" O espirito pacifico, diz elle, formou hum dos
„ caracteres distinctivos da politica dos Gabinetes da Eu-
„ ropa no anno, que acabou (1821); e parece de mais
„ destinado a regulalla nos annos seguintes. He a *certeza*
„ *da permanencia deste estado pacifico*, que torna tão sen-
„ sivel ao coração, e ao espirito do observador amigo
„ do homem, e da boa ordem das sociedades o especta-
„ culo deste ajuntamento de soldados, que se nota em
„ toda a parte com pouca differença, mas principalmen-
„ te nos tres Estados combinados..... Não é em pro-
„ porção das suas necessidades, que cada hum se arma,

„ mas em razão dos armamentos dos outros, pelo susto
„ que elles causão, forçando todos os seus meios.....„

Aqui tem, meu Amigo, qual é o modo de pensar de Mr. *De Pradt*, e eu não posso resistir á tentação de lhe dizer, que creria mais nas reflexões, que elle podesse fazer a dormir, do que nas do Autor do artigo acordado, apesar de suas grandes combinações.

Faz o Autor do artigo grande fincapé n'hum argumento que tira do *fim da Santa Aliança*, e do conceito que em Troppau, e em Laybach se fez *da Regeneração dos Peninsulares*, que nos tratados daquella *Santa se prometteo defender a legitimidade dos Governos no statu quo contra as revoluções*, e rebeliões, &c.

Não são as declarações das Potencias principaes, ainda que muitas vezes renovadas, as que devem servir de *garantias* ás Nações, porque os actos são frequentemente desmentidos pelos factos. A natureza das cousas, e as circunstancias, que os acompanhão, são as que devem determinar os nossos juizos.

Esta maxima é ainda de *Mr. de Pradt*, e eu a adopto como hum principio de eterna verdade. — Partindo delle vamos aos factos, e por meio de alguma critica vejamos qual é a importancia, que devem merecer hoje as decisões da Santa Alliança, e com particularidade em *Troppau* e *Laybach*, porque são aquellas, de que podemos ter noticias mais exactas.

Em 15 de Novembro de 1820 abrio-se este Congresso, que constou dos Imperadores de *Austria* e da *Russia*, e dos Ministros da *França*, e *Prussia*; com tudo a final reduzio-se o negocio ás tres unicas Potencias, em nome de quem se expedíraõ as *peças* officiaes. A sua declaração foi esta, feita aos 14 de Dezembro de 1820.

" Que lhes pertencia tomar medidas para que a Eu-
„ ropa fosse posta a abrigo das calamidades, de que se
„ acha ameaçada pelas revoluções de *Hespanha*, *Napo-*
„ *les*, e *Portugal*. „

Eis-aqui o facto. — Mas a *Grecia*, e os *Paizes Baixos*, a *Alemanha* constitucional, os *Cantões Saissos* accedêrão a ella? Accedêrão por ventura os Estados Unidos? Não; nenhuma destas Potencias accedeo. — *França* acce-

deo sim; mas com restricções, e positivamente desaprovou o procedimento praticado em *Napoles*. Quanto a *Inglaterra* todos sabemos, que ella não só não quiz acceder, mas solemnemente reprovou aos 19 de Janeiro de 1821 os principios referidos do Congresso de *Troppau* como:

1.° Incompativeis com as leis Inglezas.

2.° Proprios só a conduzir huma intervenção das Potencias nos negocios das outras, o que não era legitimo.

3.° Que segundo os tratados existentes entre as Nações o procedimento das tres Potencias vai introduzir na Europa hum systema oppressor, *inefficaz em seu objecto*, e sujeito a graves inconvenientes.

4.° Que o Gabinete Britanico se recusa responder ao convite das tres Cortes.

5.° Que a intervenção de huma Nação nos negocios da outra nunca póde ter lugar sem huma absoluta necessidade — nem applicar-se a todas as revoluções — nem a deixar de ser huma excepção da mais alta importancia, que não se póde estabelecer em regra, ou ser incorporada nos institutos de Leis das Nações.

Até aqui a declaração de Gabinete Britanico, e conformemente a elle disse *Lord Liverpool* na Camara dos Pares:

" Ninguem deplora mais do que eu os principios ge-
" raes avançados pelas tres Potencias..... A publica-
" ção da sua declaração é o acto o mais impolitico, e
" o mais mal imaginado da sua parte..... "

Esta linguagem é a de *Mr. Bignon*, *Guizot*, *De Pradt*, e a de todos os Publicistas de melhor nome. Todos elles tem atacado em seus escritos a declaração das tres Potencias em *Troppau*; todos elles tem mostrado por huma parte a injustiça de tal declaração; e pela outra a *impossibilidade* de a realisar.

E' visto por tanto, que a opinião publica da Europa é contraria ás decisões do Congresso de *Troppau*. Por outra parte a experiencia mostra, que os póvos hoje não se levão já por palavras, nem se atterrão com ameaços. — A Constituição em Napoles foi destruida, he verdade, por hum exercito, mas elle não tem podido ainda deixar o paiz; porque apenas o deixar torna-se a

repetir logo infallivelmente o grito da liberdade. Os seus chefes sabem muito bem isso. Como é possivel pois, que a declaração de *Troppau* vá adiante? Hão de as Potencias deixar hum exercito permanente em cada hum dos paizes, aonde existir o Systema Constitucional?

Pois se o não deixarem, não esperem tambem, que os póvos desses paizes não voltem logo a quebrar novamente os ferros do despotismo. O homem que huma vez se acostumou a saborear-se pelos prazeres da liberdade não torna mais a ser escravo, se elle póde affrontar a autoridade do tyrano que o domina.

Supponhamos com effeito, que as tres Potencias disfillavão pela Europa sem encontrar embaraços, que chegavão até á Peninsula, que nella restabelecião o poder absoluto, e que, cedendo á força, nós não tinhamos remedio senão sujeitar-nos. De duas huma; ou essa força continuava a existir em Portugal, ou não. Se continuava, quem havia pagar-lhe e sustentalla? Se não continuava, quem podia esperar, que nós vendo-nos livres della continuassemos a viver por tanto tempo, e por nossa vontade na obediencia dos Aulicos, dos Inquisidores, dos Capitões Mores, e dos Coudeis Mores?

Quem é que póde esperar, que o povo Portuguez torne a pagar quartos e oitavos, segundo os foraes, depois de experimentar o bem, que lhe resulta das justas reformas feitas pelas Cortes? O que Portugal tem feito, só Portugal póde desfazer. Desenganemo-nos, de que a declaração d'El-Rei de *Inglaterra* contra os procedimentos de *Troppau* não tem resposta; e o principio, que o mesmo Governo estabeleceo, de que o systema adoptado pelas tres Potencias é *ineficaz em seu objecto*, não póde deixar de se considerar como huma maxima da mais profunda politica. — Nestas materias anda o Ministerio Britanico alguns seculos adiantado em luzes aos Ministerios de *S. Petersburgo*, e de *Vienna*.

Mas o que sobre tudo importa observar é, que para sujeitar a Peninsula não bastão quaesquer forças; porque se ella por ora não tem grandes exercitos regulares, o amor e sentimento de sua independencia, e de sua dignidade como Estado livre os fará organisar, logo que lhe

sejão necessarios, com mais rapidez ainda do que no tempo Buonaparte; e que em consequencia, quando se podesse admittir, que todas as Potencias vião de sangue frio huma invasão tal, que hiria mudar a face da politica Europea; quando se podesse admittir mais, que nossos esforços, nossa posição, e nossos recursos empregados todos ficavão inuteis, havia ainda para combinar, que as Potencias invasoras, ou não deixarião seus Estados sem forças para conter as sublevações internas, muito mais achando-se cercados de tantos inimigos, e paizes Constitucionaes, e nesse caso o poder com que nos quizessem subjugar não seria sufficiente; ou mandarião á Peninsula todos os seus exercitos, e então bem podião estar certos de que, quando voltassem, acharião novidade em casa. Sem nos lembrarmos de que as suas tropas, militando entre Nações Constitucionaes, hirião depois fazer no proprio paiz o que fez o exercito, que Luiz XVI. mandou á America do Norte auxiliar a causa da independencia, porque bem se sabe, que este exercito concorreo principalmente, ou pelos menos muito, para a revolução de França. — Foi tratando com *Wasington*, e com os Liberaes Americanos, que *La Fayete* se fez hum dos mais assanhados republicanos. — As idéas liberaes communicão-se mais facil e mais promptamente do que o choque eletrico: é huma especie de epidemia contra a qual não se descubrirão ainda *preservativos* efficazes.

Ninguem duvida, que nos tratados da Santa Alliança..... foi a Peninsula considerada fóra da communhão Europea. O Autor diz, que ninguem duvida desta *excommunhão* fulminada contra a Peninsula: mas eu sou o primeiro que não só duvido della, porém que o desminto muito positivamente, affirmando o contrario, e dizendo, que até hoje 10 de Maio do anno corrente de 1822 não ha tal declaração da Santa Alliança, e que o Autor deve passar por hum embaidor, hum mentiroso, e hum escriptor que produz estas idéas com o fim de espalhar pela Nação noticias pavorosas, que sejão capazes de levar o povo a fazer desatinos.

Com este mesmo fim, tenção, e projectos de pôr os Cidadãos em commoção sustenta o Autor do artigo

muito positivamente, que, ou as outras Nações hão de adoptar o nosso systema, ou hão de desbaratallo, e obrigar-nos a seguir o seu; porque, quem não vê com effeito nestas palavras ditas com tanta segurança o espirito danado, capcioso, e verdadeiramente infernal, com que este escritor pretende levar a Nação a desconfiar inteiramente da sua salvação politica, persuadindo-a de que vai errada por este caminho, e de que aquelles, que a governão, a governão mal, e o systema que ella segue é pessimo, e não convem á sua felicidade? Não affirma elle muito affoitamente que Portugal só poderá desviar-se da *violenta posição que ameaça a sua tranquilla regeneração*, ou revolucionando os outros Estados, ou *desfazendo a liga das Nações confederadas, e ligando-nos com ellas*; ou preparando-nos para huma defeza *tanto ou mais porfiada do que contra Napoleão se praticou*? Que quer tudo isto dizer? Não quer dizer o mesmo, que affirmar aos Portuguezes, que elles estão perdidos, e que o estão sómente porque tomárão a deliberação de se regenerar? Não é isto atacar directamente o systema Constitucional, que abraçámos, huma vez que por argumentos, raciocinios, e provas, ainda que falsas, se tem levado o discurso a ponto de concluir, como conclue o Autor, que tal systema não se póde sustentar, nem existir, senão fazendo cousas, que o mesmo Autor julga impraticaveis? Não é isto pelo menos atacar a fórma do Governo representativo adoptado pela Nação, huma vez que se affirma, que ou a Europa ha de mudar o seu Governo, ou Portugal; porque o nosso é huma *anomalia* em ponto grande, que se não póde consentir nella?

Mas sobre tudo é preciso observar o dolo, e a má fé, com que elle attribuio ás tres Potencias huma linguagem a respeito da Constituição, que ellas certamente não tiverão. Affirma elle, que as Potencias taxão de *anarquica* e *facciosa* a Constituição já formada (a de Hespanha) e a que se vai formar *pelo mesmo molde* (a de Portugal.) Eu vou referir as palavras, de que usão a este respeito as mesmas Potencias, para que se conheça, até que ponto chega a maldade do Autor do artigo.

Extracto de huma peça official de Laybach impressa no Moniteur de 30 de Janeiro de 1821.

Depois de pintar o estado da fermentação dos espiritos sobre os principios liberaes, conclue

" Daqui vem a importancia, e a necessidade, que
„ se torna cada dia mais indispensavel de determinar do
„ modo mais exacto A NATUREZA DE HUMA CONS-
„ TITUIÇÃO do Estado, e destinguir as formulas real-
„ mente monarquicas das que são puramente aristocrati-
„ cas, e por consequencia inademessiveis em huma Mo-
„ narquia. „

" Sem querer dar hum juizo anticipado sobre ES-
„ TA GRANDE QUESTÃO nós temos ao menos a fa-
„ culdade de comparar, debaixo desta relação, as dif-
„ ferentes Constituições, que se tem formado, &c. „

Eis-aqui pois a linguagem das tres Potencias a respeito da Constituição. Ellas mesmas affirmão, que ainda se não sabe, *qual é a natureza*, que deve ter huma Consção do Estado: ellas mesmas dizem, que não se attrevem a decidir *esta grande questão*; como é possivel pois, que ellas tachassem de *anarquica*, e *facciosa* a Constituição de Hespanha, e a que se vai formar pelo mesmo molde, se se não sabe ainda qual é a natureza de huma Constituição? Não seria isso interpor sobre ella hum juizo, e decidir a grande questão, de que aliás as Potencias querem fugir? Entretanto o Autor do artigo diz o contrario, mentindo com todo o desembaraço; mas para ser bom mentiroso preciza-se de mais engenho, do que elle parece ter.

Continuão as tres Potencias comparando a Constituição Hespanhola com a de Alemanha, e dizem na mesma *peça* official

" Em opposição com este principio a Constituição
„ Franceza de 1791, e a nova Constituição de Hespa-
„ nha tem criado huma Assembléa Soberana, aonde el-
„ las tem posto o assento da vontade Soberana, e *dicta-*
„ *torial* do povo, concentrada em hum ponto, &c. „

E será isto chamar *anarquica*, e *facciosa* á Constituição de Hespanha, e á que nós vamos fazendo em Por-

tugal? Que o diga o Autor do artigo; que o mostre: porém de certo o não mostrará — Quando elle escrevêo taes falsidades bem certo estava, de que só assim poderia conseguir o alienar o espirito público, e que por tanto lhe era necessario sacrificar a verdade. Affoitamente o fez, e com hum pasmoso denodo se attreveo a atacar frente a frente a fórma do Governo estabelecido, persuadindo-se de que, ou nunca se lhe pediria razão desta preversidade, ou que na *Methaphysica* acharia recursos para justificar-se. O tempo mostrará se elle se enganou.

2.º *Artigo — Relações interiores.*

O Autor fiel ao seu plano, que é pintar aos povos com as cores mais feias, e que mais possão assustallo, o estado das cousas públicas, principia este artigo, fazendo-nos do Brazil huma descripção muito desagradavel; e é justo confessar, que os factos por elle referidos são verdadeiros — Mas primeiramente é preciso advirtir, que a sorte do Brazil não se decidio depois da revolução de Portugal; antes disso já o golpe estava dado. El-Rei cercado de homens ineptos, e que querião aproveitar-se das circunstancias, aconselhado por hum Ministerio corrompido, e falto de luzes, foi plantar no Brazil o mesmo systema de administração, que fizera sempre a nossa desgraça na Europa — Os mesmos erros porque se adoptarão as mesmas instituições; os mesmos abusos, porque se deixavão as mesmas ou mais portas abertas para os praticar, fizerão perder a melhor occasião, que jámais houve, de dar aos Brazileiros hum systema administrativo, que os fizesse felizes para sempre, conservando-se unidos com os seus irmãos da Europa, sem receio de commoções ou de partidos — Não se pensou assim — Deo-se logo Portugal por perdido, e por unica patria o Brazil — Foi consequencia disso o Decreto que abrio sem limitação os portos aos Estrangeiros, e que cortou os laços coloniaes que prendião aquelle continente á Europa. Não digo isto porque sinta que o Brazil se aproveitasse das circunstancias; explico os factos, e procuro indagar a causa del-

les — Os Brazileiros tem tanto direito a serem livres como nós.

El-Rei, o melhor dos Reis, Rei Constitucional desde que tomou as redeas do Governo, porque elle nunca quiz, e nunca fez senão o que seus Ministros lhe aconselhavão, ou pintavão como util aos povos, conveio em quantas medidas se lhe proposerão, porque hião sempre cobertas com a capa do bem publico: entretanto a experiencia mostrou, que a politica era errada — Desde então não foi possivel socegar os espiritos. Hum anno mais, hum anno menos a revolução era certa no Brazil. A tentativa de Pernambuco em 1817 havia ser repetida ou lá, ou em outra parte, e o resultado seria outro sem duvida, porque teria sido mais bem calculado — Nenhum homem com a mais ligeira tintura do que é aquelle paiz, esperava outra cousa.

Em consequencia disto a união com Portugal depois daquelle facto já não podia ser como da metropoli com as colonias: havia de sustentar-se precisamente pelo gozo de direitos iguaes para os habitantes dos dous Reinos. Mas estes direitos não podendo ser marcados, nem com a mesma generalidade, nem com a mesma exactidão para todas as provincias, porque são muitas, dilatadas, e com pretenções e interesses diversos, é de necessidade, se encontrem no principio difficuldades, e grandes difficuldades, para ordenar as cousas de modo, que se consiga o fim desejado, e ao mesmo tempo se vá conservando o povo em tranquilidade: o que todavia não he menos difficil; porque na mudança de hum governo, e na distancia em que hum Reino se acha do outro, ha sempre grandes embaraços para conter os espiritos nos justos limites de huma bem entendida liberdade — Com tudo não devemos ainda assustar-nos, como deseja e quer o Autor: a situação das cousas por ora não é desesperada; antes tudo concorre para provar, que nem elle nem outros como elle inimigos da sua patria, que parecem suspirar por lhe vêr rasgar as entranhas, hão de por esta vez ter esse gostinho.

O estado actual do Brazil, a opinião geral dos seus habitantes, os seus interesses, os sentimentos do seu coração, tudo os une a Portugal; em Portugal a situação

das cousas e dos espiritos é em tudo a mesma. O acto da desunião faria cubrir logo ambos os paizes de hum pesadissimo luto, que em nenhum delles duraria hum instante menos do que no outro. Que devemos esperar por tanto? Esforços ainda extraordinarios de huma e outra parte; sacrificios mutuos; docilidade no tratamento dos negocios; prudencia em saber dar ao tempo o que é do tempo; e em huma palavra tudo quanto seja capaz de conservar unidos os dous hemispherios por aquelles laços unicos, que a ordem natural e actual das cousas exige, e só consente.

Porém diz-se; as Provincias apresentão agora hum aspecto desagradavel: é certo; mas isso que pode influir para o fim principal? Nada, ou quasi nada — Melhor era com effeito que fosse o contrario, mas não é hum mal sem remedio. Se nós estivessemos perto huns dos outros, já nos teriamos entendido, já podiamos saber em que consistião essas razões de descontentamento, já teriamos certamente procurado removellas, e a paz reinaria sem dúvida. Com tudo em tal distancia não é possivel conseguir isso com a mesma promptidão, porque não é possivel tambem prever todos os acontecimentos para dar as ordens de modo, que os executores dellas não se vejão embaraçados. O tempo pois, e a boa vontade, que anima todos os interessados fará acabar para sempre esta desintelligencia, a respeito da qual não é de esperar, que as Cortes, e o Governo deixem de tomar as mais serias e prudentes medidas.

Além de que: nós bem sabemos, que no Brazil dirigem a pública opinião *Gazetas Universaes*, Padres Macedos, e Autores de *artigos communicados*; lá meia duzia de homens, aproveitando-se das circunstancias, querem fazer a sua felicidade á custa da dos seus semelhantes; porém as paixões hão de acabar, ou pelo menos esfriar; a verdade apparecerá; e os castellos de bugalhos cahirão por terra. A paz, e a mais perfeita união ligará os habitantes dos dous mundos na mais fraternal amizade.

E' isto o que não pódem levar á paciencia o Autor do artigo communicado, e os seus confrades. Para elle, acabar o systema colonial, é secar-se huma das fontes

mais abundantes de sua fortuna. Estes governos, que se davão aos senhores de casas arruinadas para hirem lá desempenhar-se, governando como Verres: estes lugares em que erão providos os que davão mais dinheiro: estas administrações, que erão confiadas só a quem fazia huma obrigação de entregar metade do rendimento ao padrinho, que o despachava; tudo isto acabou, e é por isso que custa muito acostumar á idéa de que os Brazileiros hão de ser livres — Tenhão paciencia: mamem agora na outra têta.

O Autor do artigo passa depois a fazer da situação da Hespanha huma discripção tal, que conclue com o proverbio dos que elle chama Hespanhoes sensatos = *es cierta la reboltilla* = Não se pode negar, que em Hespanha tem havido mais ou menos sinaes de descontentamento, o que entre outras causas é devido á sua grande extensão; mas d'ahi nada se segue, que toque ao substancial do negocio. A revolução fez-se; está solidada, e já agora não se desfaz, e muito menos por meios tão insignificantes — Nas grandes mudanças politicas são muito ordinarias, e durão muito tempo estas pequenas commoções, sustentadas pelos descontentes dos diversos partidos. Que não soffreo a Inglaterra desde a épocha em que subio ao Throno a actual casa reinante? Que tempo dilatado não durou o partido dos *Jacobitas* e que exforços não fez contra a Patria? Foi preciso acabar de todo a casa dos *Stuarts* para que elle acabasse tambem; e quem não sabe que ainda em 1756 apparecião no Almanack Real de França os *Stuarts* na qualidade de Soberanos de Grãa-Bretanha.? Quem não sabe o que sofre hoje mesmo essa Grãa-Bretanha por causa da Irlanda? Não se póde dizer della com mais razão = *es cierta la reboltilla*? = Mas o Autor do artigo não o disse da Irlanda, no coração da qual ha huma guerra civil; e foi dizêllo da Hespanha a onde nada disso há por ora, porque, fallando na Hespanha, podia assustar os espiritos de alguns Portuguezes mais timidos, ou menos instruidos do estado politico da Europa, e isso era o que elle mais desejava.

Do nosso Portugal (continua o Autor) *é mui diverso*

o aspecto . . . . . O clero secular e regular cumpre com os seus deveres encarando sem susto a reforma.

Quizesse Deos, que isto fosse huma verdade! Mas desgraçadamente não é. O clero secular e regular Portuguez (com bem poucas excepções) está muito longe de merecer esses elogios. Podem-se apontar os que por suas luzes, e por seus costumes honrão o estado, satisfazendo ás suas obrigações..... Melhor é porém não continuar mais nesta materia, porque talvez me levasse a dizer cousas bem desagradaveis! Quanto á reforma, o que diz o Autor é huma prova da confiança, que o clero tem nas Cortes, porque está certo e bem seguro de que ellas a hão de fazer de modo que se attenda aos interesses e justas commodidades daquelles que tem de a soffrer. A não ser assim, como era possivel que tantos clerigos, e tantos frades encarassem a *reforma sem susto*, como diz o Autor?

Continua o Autor pintando a frieza dos póvos, a falta de enthusiasmo, e com ella *hum indifferentismo muito semelhante á desconfiança.* Como isto é cousa puramente de facto, elle affirma que este é o espirito da Nação, e eu affirmo o contrario absolutamente. Póde ser que elle tenha e produza algumas provas do que diz; porém eu apresentarei outras em maior numero, e com ellas argumentos, a que desejava ouvir resposta. Elle tem só observado os descontentes, e os seus partidistas; eu tenho observado descontentes e liberaes; e o que eu vejo em resultado é, que, tiradas algumas excepções, cada hum diz da festa como lhe vai nella, ou como espera que vá. A regra logo a mais certa e invariavel para conhecer o espirito publico sobre a regeneração, não póde ser outra senão os bens e os males, que della resultão. Se os bens chegarem a maior numero de Cidadãos é infallivel, que o maior numero será dos que a querem; se for ás avessas, o maior numero será dos que a aborrecem, e se queixão della.

Ora discorrendo pelas classes, quaes são as que perdem? O alto clero, e os Grandes do Reino, isto é as classes privilegiadas. Quaes são as que lucrão? Todas as mais; logo fora do alto clero, e Grandes do Reino, e mais

hum ou outro privilegiado como elles, e que como elles vivia á custa alheia, todos os mais não podem ver com indifferença a regeneração; pelo contrario todos a hão de querer, estimar, e defendella com enthusiasmo; e é preciso admittir que o numero destes é muito maior sem comparação alguma do que o daquelles.

Pergunte-se ao Lavrador, se elle quer pagar, como dantes, direitos excessivos aos senhorios, que lhe comião quasi todo o fructo do seu trabalho; se elle quer, que se restabeleção os Capitães Mores, e Coudeis Mores; se elle quer, que volte o tempo, em que lhe hião tirar os fructos do seu celeiro contra sua vontade, e até para lho não pagarem; o tempo em que lhe embargavão os bois e o carro, e o fazião andar com elles mortos de fome hum, e dous mezes por fóra de sua casa, para onde voltava sem lhe darem hum real. Se elle quer ver-se outra vez constituido na necessidade de vir 50, e 60 e mais legoas responder ao juizo privilegiado do Fidalgo, do Desembargador, do Official de Secretaria, para lhe pagar o que talvez não devesse. Pergunte-se a qualquer Portuguez, se é melhor que o clero viva em huma excessiva abundancia para manter vicios, do que o ter huma sustentação honesta, que chegue para não soffrer necessidades, e ao mesmo tempo para o superfluo o não tentar a commetter crimes. Pergunte-se ao artista, ou a qualquer outro, se deseja ser vereador na sua terra, ou se quer antes que o seja o que tem foro de Fidalgo como se praticava em muitas camaras, donde até a nobreza civil era excluida. Se elle quer que o filho do Desembargador do Paço principie a vida de Magistratura pelo despacho de Desembargador do Porto, em quanto os mais entrão nella pelo lugar de Juiz de Fóra, ficando por isso quinze ou vinte annos mais atrazados do que aquelle. Pergunte-se-lhe mais; se elle quer que o filho do Conselheiro de Estado principie a vida de Militar, assentando logo praça de Capitão, e que o filho do Grande do Reino, só porque é Grande do Reino, seja feito Deputado ou membro de hum Tribunal, em quanto muitos homens a trabalhar toda a sua vida, distinctos em toda ella por sua moral, conhecimentos, e serviços feitos ao Estado, mor-

rião sem lá poderem chegar, porque achavão os lugares entulhados pela alta nobreza. A somma dos que responderem a estas perguntas, e outras semelhantes, por *sim* ou por *não*, é a que dará em resultado a verdadeira prova do espirito publico. — Tudo o mais que se diz nada val.

Ha com tudo hum grande motivo para o descontentamento de muitas pessoas, e é o seguinte. — O lamentavel estado, a que nos deixárão reduzidos aquelles que nos governavão, não tem permittido por ora pagar-se em dia a todos os Credores do Estado, e Empregados publicos; e daqui tem nascido, e devem nascer, justas, e amargas queixas, porque a fome tem má cara. — Entretanto apenas se poder pagar, o que não parece estar longe se o emprestimo se realisar, todos andarão contentes, e eu espero que até depois disso muitos dos *protestantes politicos* se convertão para a verdadeira crença.

Não responderei á descarada mentira, com que o Autor do artigo quer persuadir os seus leitores, de que não ouvia nas acclamações publicas senão vivas á Religião, e ao Rei, e que o *povo lhe parecia envergonhado de dar outros.* Huma só vez não tem apparecido El-Rei em publico, ou seja nas paradas, ou nos theatros, ou em qualquer outra parte, que não se oução, ao mesmo tempo, e misturados com os delle, vivas ás Cortes, e á Constituição, &c. &c. Todos os habitantes desta capital são testemunhas disto.

O Autor passa depois a comparar o estado actual da Regeneração com a revolução contra os Francezes, e diz que *então era huma paixão ardente, a que arrastava todos os individuos para a defeza da independencia, e que hoje todos tratão a regeneração como negocio que nada lhes importa.*

Huma das épochas nas quaes em nome do povo Portuguez se tem praticado maiores e mais puniveis excessos, foi justamente aquella porque o Autor do artigo tanto elogia o seu enthusiasmo; isto é, a revolução contra os Francezes. Em muitas partes do Reino alguns malvados commettêrão então as maiores atrocidades que pretendêrão attribuir ao povo, e para exemplo basta o Porto, e Braga. — Nesta cidade, ou proximo a ella, o benemerito fi-

lho do Patriarcha de Assiz o Frade *Braga*, morador hoje no Aljube de Lisboa, fez, segundo me informão, actos grandes. — Com um Crucifixo em huma mão, e huma tijela de vinho na outra, prégava de cima de huma pipa a grande numero de ouvintes, e bem se póde fazer idéa do que elle lhes diria. Na mesma cidade o defunto Arcebispo andava pela rua acompanhado de hum clerigo, que lhe trazia ao lado em huma salva de prata duas pistolas carregadas!!

Não havia frade, nem clerigo, que não andasse armado, e não incendiasse o espirito do povo; mas para que? Para prender, e matar os *Jacobinos*, e erão marcados com este nome, em atrozes listas de proscripção, cidadãos honrados, ordinariamente os mais ricos, porque o rouballos, e o queimar e destruir tudo o que elles possuião, entrava então em o numero das obras meritorias. Eis-aqui de que servia o enthusiasmo do povo, que tanto louva o Autor, o qual se esquece da verdadeira época em que este mesmo povo se fez digno dos maiores elogios por seu patriotismo: e foi quando, socegados os tumultos (o que só aconteceo depois que os frades, e clerigos deixárão de lhes prégar, porque fugírão ás primeiras noticias da aproximação do inimigo) depois que as autoridades conseguírão ser escutadas, e obedecidas, este povo desamparou sua habitação, perdeo o fruto de seus trabalhos, vio queimar suas propriedades, e fazendas, e tudo isto sacrificou contente por salvar a Patria.

Esqueceo-se tambem o Autor, e muito de proposito, do enthusiasmo com que todas as cidades, e villas e lugares adherirão á causa da regeneração apenas soou nellas o grito da liberdade. Esqueceo-se dos famosos dias 1 de Outubro, 11, e 17 de Novembro de 1820, e de 4 de Julho de 1821, dias que farão sempre honra ao nome Portuguez. Esqueceo-se da época das eleições para as actuaes Cortes Constituintes, em que este povo possuido do maior enthusiasmo, e conduzido pelos sentimentos da dignidade que só compete a hum povo livre, exercitou pela primeira vez, e com a maior ordem, o maior soccego, e ao mesmo tempo mostrando o maior interesse, o sagrado direito de eleger seus representantes.

Tudo isto para o Autor do artigo foi bagatella, e o povo Portuguez não mostrou em taes occasiões enthusiasmo algum: quando elle lhe agradou muito, foi quando em seu nome se incendiárão casas, distruirão plantações, e fizerão assassinatos e as mais horriveis atrocidades, &c. Eis-aqui as provas do enthusiasmo que o Autor ainda hoje deseja! E quem não vê que o fim delle é persuadir o povo a que faça agora o mesmo?

Pouco importa que este incendiario Autor queira pintar-nos os Portuguezes, confundindo as idéas da liberdade, da igualdade, e do despotismo, dizendo que o povo lembrando-se dos males praticados na revolução Franceza com estes pretextos pensa, que a palavra liberdade encobre a *Libertinagem*; a igualdade, a *ladroeira*; e a destruição do despotismo, *a ruina da Religião*, *e a morte do Rei*. — Esta falta de conhecimentos, que o Autor attribue ao povo Portuguez, sobre ser hum atroz insulto contra elle, e contra o bom senso, que tem mostrado sempre, é huma das mais refinadas impudencias com que elle se anima a envenenar todos os bens, que a Regeneração traz comsigo, affirmando que o povo entende ser a reforma intentada unicamente para o conduzir ao roubo, á licença, á irreligião, e ao regicidio. — Que mais póde elle dizer, ou de que modo poderia elle mostrar-se inimigo mais incarniçado contra o actual systema, e o actual Governo?

Nada ha com tudo que mereça maior, e mais rigorosa censura, do que a proposição escandalosa, que o Autor estabelece, quando affirma, que o povo Portuguez entende por *Judeos*, e *Pedreiros Livres* ESTA GENTE QUE GOVERNA, e que elle os reputa *origem de tudo quanto soffreo*. Huma tal preposição com effeito bastaria per si só para nos convencer do fim destruidor, preverso, e revoltoso, que o Autor se tem proposto quando escreveo o artigo communicado. — Agora já não ha duvida, já se sabe que o povo considera *esta gente que governa* como Judeos e Pedreiros Livres!!! E quem é esta gente que governa? Esta gente é Cortes, Rei, e seus Ministros. Logo o Autor affirma, que o povo Portuguez entende serem Judeos, e Pedreiros Livres, o Rei com

seus Ministros, e as Cortes. Que responderia o Autor do artigo se lhe pedissem as provas de que esta é a opinião do povo Portuguez, e de que este pensa como elle diz? Que responderia elle se lhe perguntassem quaes são os males, que este povo tem soffrido, e dos quaes reputa origem exclusiva *Judeos, e Pedreiros Livres*?

E' certo que muitos malvados tem querido persuadir disso o povo; que o Padre *José Agostinho*, *a Gazeta Universal*, e o Autor do artigo tem trabalhado quanto podem para encasquetar-lhe nos miolos que a Regeneração Portugueza é obra dos Pedreiros Livres, e que o fim destes Pedreiros Livres é destruir o throno, e o altar. — Varias pessoas amantes da verdade tem procurado mostrar quanto é absurda semelhante opinião a respeito de Pedreiros Livres; mas ha poucos dias acabou de o fazer com toda a clareza o Sr. Abbade de Medrões no seu opusculo que intitulou o *Cidadão Lusitano*; opusculo contra o qual se levantarão logo dous famigerados perseguidores; o 1.° o nosso Reverendo *José Agostinho*; o 2.° outro Reverendo conhecido em Portugal e fóra delle como contratador de Beneficios Ecclesiasticos, e que a essa philosophia (de clerigo) ajunta a outra dos costumes mais nefandos, estragados, e que fazem horror á Natureza.

Estes dous Campiões, apenas sahio o opusculo de Sr. Abbade de Medrões, botarão-se a elle como os cães d'aldea se botão a morder nas pedras, que os passageiros lhes atirão, ou nos páos com que os arredão de si. Não podia ser de outro modo, porque o Snr. Abbade teve a felicidade de mostrar aos Portuguezes em hum estilo corrente, e agradavel e com muito bem ponderosas razões, os males que elles soffrião, os bens de que vão gozar, a legitimidade e necessidade das reformas, e em huma palavra tudo quanto podia concorrer para que elles não continuem a ser, como tem sido até agora, illudidos por todos os que interessão em lhes tapar os olhos; porque a elles importa muito que o povo não veja as *esparellas*, em que tem cahido, e de cujos laços vai ser livre pelas providencias de seus Representantes nas Cortes da Nação.

E ainda que pouco possa ajuntar-se ao que disse o Snr. Abbade de Medrões, com tudo para que V. S.ª fi-

que inteiramente sabedor do que ha neste negocio de Pedreiros Livres, direi alguma cousa na certeza de que fallo como conhecedor; pois que tive a honra de pertencer a esta sociedade desde o anno de 1803, em que nella fui recebido, e tratado com tanta distincção, que em 1805 já eu tinha chegado aos maiores gráos.

Motivos que pouco importa saber, mas que não forão certamente injuriosos nem a mim, nem aos meus irmãos obrigárão-me a affastar-me dos seus trabalhos desde o anno 1806, e até hoje não tornei a unir-me com elles em suas Sessões regulares. — Entretanto vivo com elles, estimo-os, presto-lhes os soccorros de que precisão, e eu posso dispôr e conto com elles para em iguaes circunstancias me valerem, como já tem valido mais de huma vez, e em grandes apertos da minha vida.

Aqui tem pois, meu Amigo, em que consiste o ser Pedreiro Livre, e qual é o fim da sociedade nas relações de hum irmão com outro irmão. — *Fazer bem huns aos outros.* — Tudo o mais que pertence a formulas, a gráos, a trabalhos é empregado para entreter e prender os espiritos em alegorias adquadas ao que faz o objecto dos mesmos trabalhos; e isso é combinado e ordenado de tal modo, que o segredo, fazendo a base da associação, accrescenta hum novo interesse ao modo misterioso, que acompanha o ceremonial com que alli se tratão todas as cousas.

Eu disse que a beneficencia é o fim da Maçonaria nas relações de hum irmão com outro irmão; e accrescento agora, que suas relações com a sociedade em geral, e seus deveres para com a Nação em que se acha constituida, são as mesmas, que dos outros Cidadãos quanto ao respeito e obediencia ás autoridades e ás Leis. — Como póde ser Pedreiro Livre o homem de qualquer crença religiosa, ou politica, bem se vê que a Maçonaría nada tem nem com esses, nem contra esses objectos.

Todo o Pedreiro Livre, quando é recebido, declara a sua patria, a sua religião, e o seu estado, e presta hum juramento de observar estreitamente as obrigações que o ligão a estas relações sociaes, e de não fazer aos outros o que não quer que lhe fação, concorrendo quanto ser possa para a illustração, e melhoramento da especie hu-

mana. — Causa por tanto a maior indignação lêr todos os dias escripto por estes miseraveis hypocritas revolucionarios, que a Maçonaria tem por fim a destruição do throno, e do Altar!

Os Muito Reverendos Padres Carmelitas dizem, que a sua ordem fôra creada pelo Profeta Elias, e professos nella e seus Geraes os outros Profetas da Lei antiga, e até já li, que forão frades do Carmo o Philosofo Pitagoras, e o 2.º Rei de Roma Numa Pompilio, &c. Sem irmos com tudo buscar tão longe a origem da Maçonaria basta dar como certo, que ella existe pelo menos desde o anno de 1610, em que apparecem já documentos autenticos que fallão della, como de huma sociedade benefica, tolerante, e amiga das associações humanas. Ora se o seu fim fosse o que lhe attribuem, existindo ella já ha mais de dous seculos, necessariamente a historia havia apresentar hum facto ao menos pelo qual se mostrasse, quando mais não fosse, huma unica tentativa feita pelos Pedreiros Livres para derribarem hum throno, ou hum altar. Mas este facto não apparece, nem ainda se vio; logo havemos de confessar, ou que não é esse o fim da sociedade, ou que em mais de dous seculos não achou ella ainda occasião de se mostrar; o que é hum absurdo.

Além de que: se a Maçonaria fosse huma seita; se o fim desta chamada seita fosse o que dizem, ella havia de empregar os meios que empregão todas as seitas conhecidas, e havia em consequencia ter prégadores, escriptores, e operarios, que trabalhassem de commum acordo para conseguir o fim geral, por que todas as mais os tem. — Appareção por tanto essas obras contra o Estado, contra o Throno, escriptas pelos Pedreiros Livres; appareção esses prégadores, e operarios, que andão espalhando os dogmas e principios da Maçonaria, e appareção até esses dogmas nocivos á humanidade, á religião, e á politica. — Não ha huma só cousa destas, porque até hoje ainda ninguem vio, ou lêo huma só maxima, ou principio da Maçonaria contraria ao bem da Nação em que se acha. Logo quem ha de acreditar, que huma sociedade existente ha seculos, e ha seculos trabalhando para hum fim, que aliás não seria difficil de conseguir huma,

ou outra vez, ou em huma, ou outra parte, não deo ainda huma unica prova disso, nem empregou os meios ordinarios, faceis, triviaes, e os unicos de o conseguir?

Tratando do nosso Portugal, porque é delle principalmente que fallão esses linguarazes, de que é commandante José Agostinho de Macedo, que diga elle hum facto só praticado pelos Pedreiros Livres Portuguezes, que prove ser o fim delles o que se lhes attribue. — Mostre o Padre José Agostinho de Macedo em que a Maçonaria Portugueza até hoje tem dado hum signal unico de querer atacar a Dynastia da Casa de Bragança, de lhe negar o direito da successão, de faltar ao respeito ao Senhor D. João VI., ou a qualquer pessoa da familia Real. — Mostre o Padre Macedo hum unico signal da Maçonaria Portugueza pertender derrubar a Religião, hum Altar, huma Ermida, ou ainda hum simples painel das almas? Mostre o Padre Macedo quaes são os desacatos feitos pelos Mações Portuguezes contra a Monarquia, ou contra a Religião depois de 24 de Agosto de 1820, em que elles principiárão a considerar-se a coberto das perseguições politicas e religiosas, que dantes soffrião?

Pois se nem elle, nem alguem póde mostrar isto, porque razão não deixão passar hum dia só em que não escrêvão ou por sua conta, ou pela de outros os mais enormes improperios, e as mais atrozes injurias, e calumnias contra a Maçonaria Portugueza?

Se eu fallasse com o Padre José Agostinho de Macedo eu lhe perguntaria: qual é o fim que V. m. tem nessa perseguição, que por escripto faz aos Pedreiros Livres Portuguezes? Quer V. m. acaso convertellos? Parece-me que não; porque para converter é preciso persuadir, e para persuadir é methodo absolutamente errado calumniar, e injuriar. Pois que quer? Destruir a Maçonaria Portugueza? Se ella tem o poder, que V. m. diz, é de esperar que os seus discursos não lhe fação grande móssa; porque se fizessem, e se elles fossem capazes per si só de lançar por terra o magestoso templo levantado á virtude, bem vê V. m. que a lei da propria existencia é superior a todas as leis, e que em tal caso era provavel, que V. m. já não tivesse passado muito bem — Que

quer V. m. por tanto? Levantar a Nação contra os Pedreiros Livres, fazendo nascer a guerra civil? Desgraçado de V. m. e dos da sua ralé, e de todos aquelles que pensão como V. m., e como ella; porque certamente nenhum teria o gosto de sobreviver á desgraça da Patria — Os primeiros sacrificados serião V. m. e elles; e eu lhes juro que não escaparião, ainda que se escondessem nas entranhas da terra.

Tal seria, Meu Amigo, a linguagem, que eu havia de fallar ao Padre José Agostinho de Macedo, se elle me desse a confiança de disputar com migo nesta materia — Entretanto eu vivo bem seguro de que os projectos delle e dos seus amigos serão baldados — A Nação Portugueza conhece bem os seus interesses; ella sabe fazer differença da Religião á superstição: ella sabe que a Religião consiste em dogmas, em Ministros necessarios para o Divino culto, e em templos aonde este Divino culto se pratique e se dê a Deos; e que tudo isto tem sido sustentado, defendido, e respeitado como sempre foi — Ella sabe que a perda, que a mesma Religião soffreo na Azia, e na Africa pelas conquistas de Mahomet, e pelas maximas do Alcorão, não foi obra dos Pedreiros Livres — Sabe que o scisma da Grecia, que separou da communhão de Roma esta parte tão interessante do Christianismo, não foi obra dos Pedreiros Livres — Sabe que a herezia de Luthero, tão fatal á Igreja, porque lhe desgarrou a maior porção do rebanho que ella tinha ao Norte da Europa, e na Inglaterra, não foi obra dos Pedreiros Livres: e que em consequencia todos estes miseraveis, que os atacão, não são mais do que vãos declamadores, raivosos por se lhes tirar a mascara da hypocresia, e desesperados de continuarem a enganar o povo, porque elles não vivião se não de enganos; e coherentes com o plano que tem adoptado, ainda agora se servem da mesma arma da impostura, que tão proveitosa lhes tem sido, pintando ao mesmo povo a Maçonaria opposta á religião e ao Throno, porque elles bem conhecem, que é o unico lado por onde podião fazer brecha no coração dos Portuguezes, destinctos em todas as idades por sua fidelidade ao seu Rei, e á sua crença.

Assim vem elles logo com as bulas dos Papas, que tem prohibido a Maçonaria — Sobre isto já se tem dado respostas, que nada deixão a desejar; mas eu accrescentarei agora a opinião de Mr. de Pradt, escripta neste anno de 1822, sobre os *Carbonarios* (que é outra birra em tudo igual á dos Pedreiros Livres.)

" *O Carbonarismo* (diz elle) é o espantalho da Aus-
„ tria: e quando se vio que o Papa o excommungava
„ pareceo que elle tinha sido chamado por ella para com-
„ pletar a obra do Barão de *Frimont*, que é o verdadei-
„ ro excommungador dos *Carbonarios*. Sem as pessas de
„ artilheria deste, elles se terião intimidado pouco com
„ as excommunhões do Papa, *porque hoje o valor de ca-*
„ *da cousa é conhecido.* A bulla definio a palavra = Car-
„ bonario = tão claramente como em outras partes se de-
„ finem as palavras *Liberal*, e *Revolucionario* ..... Na
„ bulla tudo é vago ..... Não se sabe o que ella quer
„ ..... He antes hum manifesto politico, do que hum
„ acto religioso ..... A bulla do Papa contra os *Car-*
„ *bonarios não obteve alguma consideração na opinião pu-*
„ *blica*; ella não podia adquirilla por seu contexto, e se-
„ gundo o espirito do tempo ..... &c. „

Já eu disse a V. S.ª, que dou muito peso ás opiniões deste Mr. De Pradt, e que por tanto subscrêvo absolutamente ao que elle diz sobre o valor das bullas de Roma, a respeito das sociedades secretas. — Em quanto estas não quizerem manifestar-se ao publico todos os que se metterem, ou a escrever, ou a decretar contra ellas, não farão mais do que jogar a cabra cega, andando ás apalpadellas com as mãos pelas paredes, sem poderem fazer preza, nem nas cousas, nem nas palavras, nem nas pessoas.

Mas é tempo de voltar ao Autor do Artigo. — Queixa-se elle do grande numero de máos escriptores, que tem apparecido em Portugal depois que a imprensa se declarou livre. — Primeiramente respondo que tudo isso é o resultado do systema, e gosto *Macedonio* porque já mostrei, que a este grande Patriarcha da Litteratura Portugueza, ao Padre José Agostinho de Macedo, se deve esse beneficio: em 2.º lugar o Autor exagera, e exagera muito o que se passa entre nós. — Se elle quer saber o que

é isto de imprensa livre, vá alli á Inglaterra e lá o verá, sem lhe ficar nada a desejar, e então se desenganará de que a cousa em Portugal é hum *Ceo aberto* á vista do que soffrem os amigos Inglezes.

Queixa-se mais o Autor de que os nossos escriptores não procurão *congraçar os animos e reunillos em fraternal união.* Mas se isto é, como eu creio ser, da obrigação de todo o escriptor, porque razão faltou o Autor do artigo tão iniquamente a ella? Porque razão esteve elle de proposito escolhendo palavras e expressões as mais capazes de desunir os espiritos; de levantar huma guerra civil, e fazer huma total confusão, e desordem entre os Cidadãos? Não vê elle a tranca no seu olho, e tão *perspicaz* se mostra em descobrir a aresta no do visinho? Tal é a boa fé com que elle escreve!

Eu não louvo os escriptos que tem sahido: já disse que condemnava muitos delles; pela maior parte não os lêo senão quando mos inculcão; e não obstante isso não me atrevo a persuadir-me de que nelles se tenha atacado a religião, ou os costumes, como pertende o Autor; e a razão é porque não me consta que algum fosse ainda denunciado á Igreja ou ás autoridades civis; nem posso tambem admittir, que tantos pastores benemeritos como tem a capital, tantos Bispos espalhados pelo Reino, e de quem faço bom conceito se esquecessem de seus deveres a ponto de deixarem pastar as suas ovelhas hum pasto venenoso, e que hiria contaminar a sua existencia Religiosa.

Perdoe pois o Autor do Artigo, e dê-me licença para eu ter por fabulosa, e por simples rasgo de sua imaginação a pintura que elle nos faz dos escriptos, que se tem publicado, e que elle suppõe serem contrarios á Religião. — Nisto parece-me que mente como em tudo o mais para hir coherente com o seu systema.

Inventão denominações affrontosas de devisões entre cidadãos, &c. Esta queixa do Autor do Artigo allude provavelmente á differença que se costuma fazer entre *Liberaes*, ou *Constitucionaes*, e os que o não são, appellidando-se estes com o nome trivial de *Corcundas.*

A descoberta foi fatal com effeito para os inimigos da Regeneração, porque os marcou com o ferrete do ri-

diculo! Em todas as mudanças politicas succedeo sempre distinguirem-se com diversas alcunhas os seguidores das diversas opiniões. — Na Italia forão bem conhecidos os partidos dos *Guelfos*, e *Gibelinos*, palavras, que se ouvirão pela primeira vez em Pistoia. — Algum tempo depois o dos *Brancos*, e *Negros* de que foi victima o famoso Poeta *Dante*. — Na França o dos *Petits-maitres*, e dos *Criticos* no Ministerio do Cardeal Mazarino. — Na Inglaterra o de *Wigts*, e *Torys* no tempo de Carlos II. — Na Hespanha o de *Liberaes*, e *Servis* depois do Systema Constitucional. — E entre nós porque não haveria o de *Liberaes*, e *Corcundas*? Que tem isso com a moral publica, ou com os sentimentos religiosos? Pois os Srñs. *Corcundas* náo se envergonhão de serem inimigos da sua Patria, e dos bons filhos della, e dão-se por injuriados de lhes chamarem hum nome, que seja mais bem, ou mais mal applicado, indica entretanto a differença dos seus sentimentos? Para mim tenho que este nome encerra em si não sei que de mysterioso, porque explica mais ainda do que á primeira vista parece. Fiquem por tanto *Corcundas* como o são, e acommodem-se; porque na sua mão está deixarem de o ser. — Convertão-se, e gozarão de hum nome honroso na sociedade.

Imprimem-se em Portugal = manifestos em nome de hum Soberano chamado o Grande Oriente Lusitano, que proscreve, e ameaça de morte cidadãos Portuguezes se não obedecerem, &c. Nunca vi taes manifestos; com tudo póde ser que existão, porque n'hum Paiz aonde ha liberdade de Imprensa, quem póde evitar, que se imprimão parvoices semelhantes? Acho porém parvoice ainda maior, que o Autor do *Artigo* tenha por veridicos taes documentos. Imprimem-se em nome do Grande Oriente; logo são do Grande Oriente, é Logica nova, que não se usava no meu tempo. — Se esta conclusão viesse daquelle principio, quem poderia provar a verdade da Religião? Não sabemos acaso as infamias, as calumnias, os erros, que se tem publicado por meio da Imprensa em nome de Santos Padres os mais respeitaveis; em nome de Pontifices os mais religiosos; e até em Nome de JESUS CHRISTO? A que não se tem atrevido os impios? E porque se im-

primio; é verdadeiro? Desgraçados de nós se o que diz o Autor do *Artigo* não fosse hum absurdo, dos que devem acabar de encher o meu *Elencho*.

E a dar-se credito aos visionarios, que formão o tal Soberano Oriente, são elles os verdadeiros conductores da Náo do Estado, &c. Agora vamos mais de vagar porque isto já é mais serio. — Aonde veria este Sñr. os que formão o tal Soberano Oriente? E que é o Soberano Oriente? Aonde está elle? Aonde o ouvio o Autor fallar? Quaes são as provas que o Autor apresenta destes factos? Nenhuma. E havemos accreditallo? Ninguem o dirá. Este homem, seguindo a marcha com que principiou a escrever o artigo, isto é, a da mentira, do erro, e do engano, continúa a affirmar neste periodo, o que já tinha dito mui positivamenre, e vem a ser, que em Portugal não ha governo ligitimo, e que huma facção domina tudo; que as Cortes, El-Rei, e os Ministros não são nada, porque quem governa absolutamente, e como quer, é a Sociedade dos Pedreiros Livres, e que todos os mais são automatos, ou maquinas, que a mesma sociedade dirige á sua vontade.

Eis-aqui a doutrina do nosso Autor! Cortes, Rei, e Ministros, podem mandar-lhe hum presente; porque com effeito é muito honroso para elles o que se escreveo na *Gazeta Universal*, aonde se dá por certo, que elles não tem nem vontade, nem liberdade, porque fazem só o que lhes mandão. Affirmar que os Pedreiros Livres tem por fim destruir o throno, e o altar, e affirmar ao mesmo tempo que elles são os que governão Portugal, é querer que a Nação rompa em excessos, que lhe serião desculpaveis, se ella chegasse a persuadir-se de taes horrores.

Pouco importa pois que o Autor do artigo venha dizer-nos, que elle affirma o que lêo, ou lhe disserão: a responsabilidade é sómente sua. — Elle é o culpado em se servir dessas doutrinas, dessas imposturas, e desses erros para tirar conclusões, que atacão o Governo, e o systema estabelecido, e que são injuriosos ás Cortes, ao Rei, e aos Ministros. Se elle escrever por exemplo, em outro artigo, principios contrarios á Religião, principios, que aliàs póde ter visto em infinitos livros: se elle affir-

mar o que affirmão hereges e impios, que a tem atacado, e applicar as maximas, e as doutrinas de que elles se servem para nos fazer da Jerarchia, governo, e jurisdicção da Igreja huma pintura, que tenha por fim destruir a base fundamental do edificio religioso, poderá por ventura dizer = *eu não escrevi senão o que vi escripto, não affirmei senão o que outros affirmárão*? =

Não sejamos por tanto tão faceis em acreditar estas escapúlas inventadas pela malicia, quando quer encubrir o crime. — Aquelle que escreve huma proposição, ou affirma hum facto, é obrigado a provar que elle é verdadeiro: se o não provar nada o livra de ser reputado hum calumniador.

Ha porém huma reflexão ainda, que não deve omittir-se, e é, que taes escriptores são levados sempre pelos seus principios, a julgar máo tudo o que elles não approvão, ou de que não gostão. — Nesse caso não dão quartel nenhum a hum só dito, ou a hum só facto; condemnão tudo á carga cerrada, só porque é contrario á sua opinião. — Na Regeneração de Portugal (se nós os devemos acreditar) nada se fez ainda bem feito, porque elles não gostão da Regeneração. — Veja-se a *Gazeta Universal* de cabo a cabo, e procure-se lá huma palavra em louvor, ou elogio do que se tem feito, e não se achará: busque-se, e buscar-se-ha em vão, huma palavra só de consolação para a Nação Portugueza por ter adoptado este systema. Indague-se bem, porque de certo ninguem achará approvada qualquer medida de reforma, de providencia, ou de administração tomada pelas Cortes ou pelo Governo com vistas mais liberaes. A resposta a tudo; o juizo sobre tudo é já sabido: *nada, não presta; é obra de Pedreiros Livres.*

Mas supunhamos agora por fazer a vontade ao Padre *Macedo*, ao seu Acolito, e ao Autor do artigo, que com effeito a obra da Regeneração Politica da Monarquia Portugueza, e do seu actual Governo, era conduzida pelos Pedreiros Livres: suponhamos mais, que estes Pedreiros Livres são huns preversos maiores ainda do que pertendem estes declamadores: perguntarei eu; que se segue d'aqui para o estado da questão? Nada. — Por quanto ou o que

se faz e tem feito é bom, ou é máo: se é bom, se se melhora a sorte da Nação; se a Religião, a Moral, a Propriedade, a Monarquia, estas bases fundamentaes de nossa Regeneração, tem sido respeitadas, e se buscão, e a applicão os meios de as fazer mais sólidas, louve-se, estime-se, e approve-se o que se faz, ou seja feito por Pedreiros Livres, ou por Pedreiros *Escravos*, ou por Frades, ou por Clerigos: se é máo diga-se em que; mostre-se aonde está o mal; proponha-se ou requeira-se a sua emenda; e não se pertenda que seja máo, só porque a pessoa que o faz se não tem por boa.

A moralidade das acções nasce da conveniencia, ou desconveniencia dellas com a lei. As circunstancias daquelle que as pratica podem alguma vez augmentar a bondade, ou a maldade do que se obra; mas nunca fazer que seja máo o que de sua natureza é bom; ou bom o que de sua natureza é máo. — Segundo minha lembrança eu li já em hum dos escriptos do Padre *José Agostinho de Macedo* que a Maçonaria Ingleza nada tinha de criminoso, antes era muito louvavel, porque formava huma instituição como entre nós a das Misericordias, cujo fim é a beneficencia; mas que a Maçonaria Portugueza era huma associação de malvados, &c. Eis-aqui a logica de hum Padre, e de hum chefe de partido, que escreve sempre de má fé! Sendo a Maçonaria huma e a mesma cousa em todo o mundo em Inglaterra é boa, em Portugal é má! — Eis-aqui a Logica da *Gazeta Universal* que com a sua *imparcialidade* do costume tomba sempre para a parte do arrocho! Dizer mal; calumniar, mentir, atterrar, incendiar, são as bases de toda a sua doutrina, e linha de sua politica! As pessoas, e não as cousas são as que lhe importão.

Se na Europa, ou fóra della ha hum acontecimento, que pareça pouco favoravel á causa da Patria, ainda remotamente, busque-se na *Gazeta Universal*, que la se encontra escripto, e bem circunstanciado; porque para o Redactor são estas noticias as que merecem unicamente ser dadas a saber ao publico. — Tudo o que for capaz de desgostar a Nação, de a fazer recear, de pôr pelo menos os animos na incerteza, não esquece jámais á *Gaze-*

ta Universal. Pelo contrario qualquer cousa, que possa animar os Portuguezes a progredirem com firmeza na sua marcha, occulta-se de proposito, porque dahi poderia resultar algum bem, e os *Universaes* querem só o mal.

Concluo, meu Amigo, que V. S.ª é obrigado em consciencia a desenganar os seus Padres do erro em que se achão a respeito do Muito Reverendo *José Agostinho de Macedo*, e da *Gazeta*. — Que as nossas circunstancias actuaes, consideradas nas relações em que nos achamos com as outras nações, e com o que passa entre nós não dão em resultado os perigos, e a destruição com que nos ameaça o Autor do artigo: antes dão precisamente o contrario. — Que não obstante isso não é impossivel, que achemos embaraços em nossas negociações, e que alguns gabinetes procurem estorvar o progresso da nossa Regeneração, porque como é certo, que elles não gostão dos principios que adoptamos, podem aproveitar as occasiões, que se lhes offerecerem para nos empecer, o que pende muitas vezes de bem pequenas alterações na politica da Europa, em que nós não influimos directamente, e apenas entramos no systema geral porque nos levão, como levão outras Nações, que estão na mesma ordem. — Que não se assustem os seus Reverendos com as declamações da *Universal* contra os Pedreiros Livres, porque elles não tem feito males, nem o seu fim é fazer senão bens.

E se V. S.ª chegar algum dia a fallar com o Padre *José Agostinho de Macedo* diga-lhe, que deixe os Pedreiros Livres, porque por ora perde o seu tempo: mas que a querer continuar a atacallos seja com verdade e boa fé. — Que se lembre de que, tendo sido o maior blasfemador, e calumniador da Maçonaria Portugueza, traz ainda as costellas direitas, e as orelhas ambas inteiras, e no seu lugar. — Que aproveite o ultimo quartel da vida em reparar pelo modo possivel os males que tem feito, corregindo as suas obras, que muito disso carecem; e que não serão para desprezar, se elle, desapprovando, e *retratando* as doutrinas erradas, e incendiarias, que tem espalhado nellas, as purificar com critica, e com gosto. — Que sobre tudo se arrependa de ter seguido tão máo caminho; pois com instrucção e talentos capazes de ser o primeiro es-

critor Portuguez neste seculo; errou as poldras inteiramente, quando quiz por meio da chocarrice, e da maledicencia fazer-se celebre, e a calcanhar todo o Portuguez, que de algum modo, ou em alguma cousa podia competir com elle.

Sou
De V. S.ª, &c.

Segunda advertencia do Editor.

Quando esta carta se achava na imprensa appareceo o Manifesto do Padre *José Agostinho de Macedo* á Nação Portugueza. — Se eu podesse presumir, que elle tão depressa se tinha feito constitucional talvez... talvez que não publicasse as suas habilidades; mas já agora o dito dito. — Lembrarei com tudo aquella fabula da cobra enroscada no gelo, e que o homem compadecido metteo no seio, para que ella não morresse de frio. Depois foi mordido pelo bicho.

Quanto á queima do 3.º tomo da Historia d'Africa, de que o mesmo Reverendo nos dá conta, sempre direi, que elle suppõe os Portuguezes *peixinhos* de Santo Antonio. — Gritar-nos todos os dias, que não tem hum livro, que escreve ajudado só da sua memoria, e dizer agora, que estava compondo a Historia de huma conquista tão notavel, e tão recheada de factos interessantes, como foi a da Africa, é querer que nós percamos a paciencia.

Foi pena que não se achasse presente á queima do fogareiro outro *Tarquino Soberbo*, ou pelo menos a sua alma, para livrar das chamas este precioso resto da *Sibyla Cumea*, este mysterioso 3.º tomo da Historia Africana, escripta pelo Padre José Agostinho de Macedo *sem ver livros*!!!

Em quanto esta me lembrar, hei de benzer-me e tornar-me a benzer, porque é impossivel que não ande aqui arte do Diabo, ou bruxaria!!! Livros de Historia escriptos sem ser por outros livros! Jesus, Santo Nome de Jesus. Salvos os factos de tradicção, e divinamente inspirados, creio que só a historia da *caroxinha* se poderia escrever assim.

O Editor da Carta ao Padre Geral.

ERRATAS.

Pag. 3 — linha 6 — V. m., deve ler-se, V. S.
Pag. 8 — lin. 5 — descaramento, deve ler-se, desavergonhamento.

C822
B862c
cop. 2
v. 2